

Do cangaço como ofício: uma análise da cultura profissional no bando de Lampião

Felipe Trindade de Souza¹

Resumo: O presente trabalho analisa a cultura profissional do bando de Lampião, compreendendo-a como um conjunto de regras, códigos e conhecimentos necessários para o exercício das atividades e funções dos cangaceiros no grupo. Salientando que, para o seu desenvolvimento, a socialização profissional desempenhou um papel fundamental entre eles. No tratamento dos dados, foram utilizados conceitos presentes nos debates da Sociologia dos grupos profissionais. Assim, a abordagem efetuada mostrou que Lampião e seus asseclas encararam o cangaço como um ofício, ou seja, um meio de vida que exigia uma cultura profissional própria. Os resultados obtidos levaram-nos a concluir que o domínio da cultura profissional permitia ao cangaceiro manter-se no cangaço e quiçá ascender a postos na hierarquia do grupo. Além disso, por meio da socialização profissional, os iniciados puderam realizar uma conversão identitária e, assim, justificavam sua presença no cangaço perante a sociedade.

Palavras-chave: Bando de Lampião; Cultura Profissional; Sociologia dos Grupos Profissionais.

Cangaço as an occupation: an analysis of professional culture in Lampião's band

Abstract: The present work analyzes the professional culture of Lampião's band, understanding it as a set of rules, codes and knowledge necessary for the exercise of the activities and functions of the cangaceiros in the group. Emphasizing that, for their development, professional socialization played a fundamental role among them. In the treatment of data, concepts present in the debates of Sociology of professional groups were used. Thus, the approach taken showed that Lampião and his minions saw the cangaço as an occupation, that is, a way of life that required a professional culture of its own. The results obtained led us to conclude that the mastery of professional culture allowed the cangaceiro to remain in the cangaço and perhaps ascend to positions in the group's hierarchy. In addition, through professional socialization, initiates were able to carry out an identity conversion and, thus, justified their presence in the cangaço before society.

Keywords: Lampião's Band; Professional Culture; Sociology of Professional Groups.

Artigo recebido em 11/02/2021 e aceito em 15/03/2021

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

Introdução

Este trabalho examina a cultura profissional do bando de Lampião, entendendo-a como um conjunto de conhecimentos necessários para o exercício das atividades cangaceiras. O domínio dessa cultura profissional permitia ao cangaceiro manter-se no grupo e quiçá ascender a postos na hierarquia. Para que isso ocorresse, a interação, ou o que denominamos de socialização profissional, desempenhava um papel fundamental no desenvolvimento da cultura entre os integrantes do bando. Portanto, ressaltamos que para realização dessas tarefas, analisamos um extenso material documental. Buscando compreender as práticas e concepções dos cangaceiros, captando o seu complexo de regras, códigos, atitudes, habilidades e saberes específicos empregados e socializados durante a vida no cangaço.

Destacamos, assim, o papel da interação social no aprendizado da cultura profissional do bando. Como revelou o cangaceiro mirim Volta Seca, seus companheiros de bando foram seus “mestres” e “professores” da “escola do cangaço”^{II}. Logo, como explica Howard Becker, após o ingresso de um “iniciado” em um grupo “desviante”^{III}, ele aprende maneiras de lidar com suas atividades com o mínimo de contratempo; já que todo problema enfrentado para escapar da imposição de regras já foi enfrentado por outros membros mais experientes. Desse modo, o “desviante” iniciado aprende a evitar problemas e assimilar uma fundamentação que o ajuda a continuar em sua carreira^{IV}. Para alguns contemporâneos do bando, como o repórter Victor do Espírito Santo, foi por isso que Lampião aceitou ser chefiado por Sinhô Pereira no início de sua carreira no cangaço. Ali, ele adquiriu as táticas e os conhecimentos para o “completo desempenho de sua nefanda profissão”^V.

Para dar conta dessas questões, estruturamos o artigo da seguinte maneira. A princípio, abordamos o conjunto de regras que conferiam uma unidade lógica de atuação e de sentimentos no bando. Depois, expomos como eram aplicadas as instruções “militares” de combate que poderiam ser acionadas a qualquer momento. Por fim, tratamos da coleção de técnicas de primeiros socorros e receitas de remédios que os cangaceiros dispunham em caso de necessidade.

Regulamento

Ao examinar os relatos sobre o bando de Lampião, notamos que ele possuía um conjunto de regras que orientava a conduta dos seus integrantes em diversas circunstâncias enfrentadas no cotidiano. Esse regulamento conferia coesão e uma identidade profissional aos membros do grupo. E, os cangaceiros neófitos, isto é, os cangaceiros recém-admitidos, tinham contato com as regras assim que ingressavam no bando. Segundo Volta Seca, um dia após entrar no grupo, Lampião já estava tratando de explicar o regulamento a ele. O rei do cangaço foi objetivo e esclareceu que “o regimento é duro”^{VI}.

Durante a conversa, Lampião também explicou a Volta Seca que os cangaceiros eram proibidos de “andar com paisanos”^{VII}. Visto que, para o rei do cangaço, isso evitava os “paisanos” de “terem gosto” de se relacionar com cangaceiros^{VIII}. Assim, o cangaceiro neófito deveria compreender, logo nos primeiros dias após seu ingresso no bando, que ele integrava um grupo que possuía atitudes, sentimentos e ações distintas dos considerados “paisanos”.

Entretanto, cangaceiros abriam uma exceção quando precisavam dos “serviços” dos “paisanos”. Isso acontecia, geralmente, quando os cangaceiros estavam numa região desconhecida e decidiam usar os moradores das caatingas como guias. Se os sertanejos se negassem a realizar o “serviço”, eram coagidos a ajudar. Por isso, como apontou o testemunho

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

do oficial de volantes Optato Gueiros, não havia no sertão coiteiro na proporção que muitos afirmavam^{IX}. Ao contrário do que alguns estudos apontam, nem todos os homens ajudavam cangaceiros. Conforme repórter Victor Espírito Santo, no “povoado” Queimadas, em Paripiranga, Bahia: “todos os homens do lugar estão sempre aptos a uma resistência. Mantêm em seu poder armas e munição para prevenir-se contra possíveis ataques de Lampeão e seu bando [sic]”^X. Em função desse clima beligerante na localidade, Volta Seca contou que o bando, quando esteve de passagem pelo lugar, forçou dois moradores a serem guias^{XI}. O “coronel” Antônio Gurgel^{XII}, sequestrado pelo bando em 1927^{XIII}, enquanto refém, presenciou dois episódios desse tipo. Contou ele que, durante a fuga do bando do Rio Grande do Norte, um fazendeiro chamado Otacílio Diógenes serviu voluntariamente de guia do grupo. Dias depois, um vaqueiro se recusou a fazer o mesmo, mas “aceitou” conduzir o grupo após sofrer ameaças de morte.

Retornemos a conversa entre Lampião e Volta Seca. Nela, o rei do cangaço afirmou ainda que exigia respeito dos seus subordinados^{XIV}. Para obter isso, Lampião poderia, por vezes, recorrer ao uso da força. Se alguém o desrespeitasse, poderia até ser executado, como foi o caso do cangaceiro Antônio Rosas^{XV}. Ou poderia ainda ser punido de uma forma considerada exemplar, como foi a ocasião em que Volta Seca passou um dia inteiro amarrado a um animal enquanto o restante do grupo descansava no coito^{XVI}. O fotógrafo Benjamin Abrahão, que fotografou e conviveu alguns meses com o bando, contou ao oficial Optato Gueiros que a harmonia, a união e a disciplina no bando era “invejável [sic]”^{XVII}. Entretanto, esse testemunho possui um caráter demasiadamente celebrativo, visto que havia, entre os homens, discussões e disputas. Antônio Gurgel contou que presenciou troca de ofensas entre os cangaceiros, embora eles nunca chegassem a luta corporal. Porém, nos combates, eram muito unidos e obedeciam “cegamente” ao comando de Lampião^{XVIII}.

Lampião, para obter essa harmonia entre os membros do seu grupo, instituiu várias prescrições. Uma delas orientava que os cangaceiros respeitassem as companheiras dos outros cangaceiros. O cangaceiro Labareda disse que Lampião não admitia falta de respeito dos cangaceiros com mulheres de companheiros^{XIX}. Ilda Ribeiro de Souza, a Sila, contou que, poucos dias após sua entrada no cangaço, a cangaceira Neném te chamou para tomar banho numa fonte de água no meio da caatinga. Naquele momento, Sila ficou um pouco desconfiada e perguntou: “Vosmicê num tem medo de ser espiada no banho por um desses home, não?”. Neném respondeu: “Ó xente, e eles são doidos? [...] Só se quiserem perder a cabeça. Luís atira no meio dos óio do cabra da peste para gastá uma bala só”. Neném contou a Sila também que a relação entre homens e mulheres no bando era sempre de respeito mútuo^{XX}. Ademais, também se cobrava da mulher o respeito. Dadá, companheira do célebre chefe de subgrupo de Lampião, Corisco, confessou que a primeira coisa que a cangaceira deveria aprender ao entrar no bando era o respeito ao marido^{XXI}.

Porém, houve episódios de traição que transgrediram a determinação de Lampião. Só para citarmos dois exemplos: Lili traiu Moita Brava com o jovem Pó Corante e Lídia traiu Zé Baiano com o também jovem Bem-te-vi. Nos dois casos, as cangaceiras foram punidas com a morte. Enquanto isso, nada foi feito com os cangaceiros amantes. Isso porque os homens do bando exigiam fidelidade e submissão das mulheres^{XXII}.

Lampião se preocupava também com a harmonia entre os cangaceiros e determinados atores extra grupo. Determinava que os cangaceiros respeitassem as mulheres – filhas, esposas e agregadas – dos seus amigos e também os padres. Ao estabelecer essa determinação, Lampião buscava não indispor seus amigos. Entendia que era necessário manter boas relações com quem ele dependia. E, afinal de contas, era melhor ter um coiteiro amigo do que alguém que só o servia por medo. Como afirmou o memorialista Luiz Luna, muitas vezes, o bando sangrou e

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

fuzilou inimigos dos seus amigos. Bastava apenas que esse amigo solicitasse uma surra ou o assassinato do infeliz^{XXIII}. Nesse sentido, como bem notou Amaury de Souza, o cangaço se organizava de acordo com a ordem patriarcal, protegendo e consolidando sua própria clientela^{XXIV}.

Por essa razão, o cangaceiro que transgredia a norma de Lampião e desrespeitava as mulheres dos seus amigos era sentenciado à morte. Segundo Labareda, após uma festa de São João em uma fazenda da Bahia, ele encontrou-se com um homem que o informou chorando que a filha de “Juão Cabrêro”, um protetor do bando, fora estuprada pelo cangaceiro Sabiá. Prontamente, Labareda montou no cavalo e foi atrás do deflorador.

Ao encontrar-se com Sabiá, Labareda inquiriu o rapaz, mas nem aguardou a chegada de Lampião para ordenar a sentença, resolveu ele mesmo executar o estuprador. Entretanto, o próprio Labareda confessa que o ato não era reprimido quando realizado em mulheres que não eram companheiras, filhas ou agregadas de amigos do bando. Um desses casos ocorreu no final de 1929 quando Lampião ficou indignado ao saber que um senhor de oitenta anos estava casado com uma mulher bem mais nova. Resolveu dar uma surra no homem e depois praticar um estupro coletivo na jovem^{XXV}.

Labareda revelou que o bando respeitava “as igreja i us pade”^{XXVI}. Ao ponto de Lampião ter tanta admiração pelo padre Cícero que decidiu não atacar o Ceará. Para Volta Seca, foi o próprio religioso quem pediu para não “tocar” no estado^{XXVII}. Segundo o cangaceiro mirim, isso fazia com que a polícia não os perseguisse^{XXVIII}, pois ali “estava em casa”^{XXIX}. Conforme a reportagem de Victor do Espírito Santo, publicada em 5 de março de 1932 na revista *O Cruzeiro*, o rei do cangaço poupava as igrejas dos saques, doava dinheiro aos vigários para os templos e para o batismo de crianças. A mesma reportagem informa que Lampião gozava de simpatia e colaboração entre os religiosos nordestinos. O padre Matto Grosso, de Uauá, por exemplo, chegou a afirmar em um sermão que “o bandido [era] um enviado de Deus, em missão divina!”.

Outra determinação presente no depoimento de vários cangaceiros era a proibição do ingresso de ladrões no bando. Volta Seca contou que Lampião não gostava de ladrão^{XXX}. Zabelê, por sua vez, complementa que: “o capitão num queria quarqué um no bando”^{XXXI}. E Jararaca evidenciou, em curto diálogo com o “coronel” Sabóia, em Mossoró, no Rio Grande do Norte, que cangaceiro não roubava, mas “tomava pelas armas”. Jararaca, assim, até aceitava ser chamado de assassino, mas não de “ladrão”^{XXXII}. Embora pareça contraditório, para os cangaceiros do bando fazia total sentido essa postura, já que eles não queriam ser confundidos com ladrões. E isso fica evidente ao tomarmos conhecimento de algumas falas de cangaceiros. Volta Seca defende que Lampião era “um pioneiro das lutas contra as injustiças dos poderosos, um caboclo que dava esmolas aos pobres e distribuía entre eles as mercadorias que roubava dos grandes comerciantes”^{XXXIII}. O “paisano” Antônio Gurgel, enquanto refém do bando, percebeu que os cangaceiros gostavam de quem os inocentava e atribuía aquela condição de vida “às injustiças que o governo comete para com os pobres”^{XXXIV}.

Com isso, percebemos que o processo de imersão em uma cultura profissional implicava uma conversão identitária^{XXXV}. Isto é, a entrada em um grupo “desviante” leva os indivíduos a racionalizarem suas posições, desenvolvendo justificativas históricas, legais e psicológicas para legitimar a atividade “desviante”; construindo uma “filosofia operacional” ou uma “ideologia auto justificadora”^{XXXVI}. Os crimes de pistolagem, por exemplo, são justificados pelos seus executores a partir da construção de uma imagem negativa das vítimas. Com isso, os crimes saem da lógica comercial da pistolagem para se inserirem no contexto moral^{XXXVII}.

Além disso, como pondera Fernanda Petrarca, o prestígio social de um ofício afeta a forma como os atores sociais falam sobre suas atividades^{XXXVIII}. Os cangaceiros recorriam ao

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

que Mello^{XXXIX} denomina de escudo ético. Segundo ele, o recurso baseava-se no fato de que a vingança era entendida como uma forma de justiça “legítima” na sociedade sertaneja do período. Por isso, cangaceiros não queriam ser confundidos com ladrões. Assim, justificavam sua presença no cangaço afirmando que estavam ali para realizar uma vingança, mesmo que sua biografia fosse incompatível com o discurso do escudo ético.

Durante as perseguições, os cangaceiros eram proibidos de largar os companheiros baleados. Segundo o testemunho do oficial de volante João Bezerra, alguns grupos de cangaceiros, para se verem livres da perseguição das volantes, deixavam o companheiro para ser preso ou executado. Entretanto, essa prática era proibida e não ocorria nos grupos de Lampião. Quando alguém era baleado, “embrulhava” o ferido em uma coberta de chita e, quando ela estava bastante ensopada de sangue, o grupo dividia-se em dois. Para um lado, seguiam os cangaceiros com o baleado; para outro, marchava alguém com a coberta ensanguentada. Sua missão era despistar o paradeiro do ferido, sempre deixando sinais de sangue por onde passava, de preferência em terreno acidentado para facilitar sua fuga^{XL}.

Outra ordem imposta era que os cangaceiros fizessem uso racional de munição e consequentemente não gastassem ela à toa, visto que não era fácil achar fornecedores do suprimento. Um dos grandes coiteiros de Lampião no Ceará, Antônio da Piçarra, contou que, certa vez, o rei do cangaço o confessou que estava tendo sérios problemas com munição. Tinha homens que possuíam apenas dez munições. Por isso, Zabelê conta que, quando algum companheiro era abatido, eles eram orientados a retirar a arma e os arreios do morto^{XLI}. Além disso, provavelmente, para evitar o desperdício de munição, Lampião cobrava dos seus grupos o dobro do valor que comprava o produto. O oficial Optato Gueiros conta que “Lampião comprava munições a R\$ 5000 a bala e redistribuía a seus homens a R\$ 10000”^{XLII}.

O comércio de munição no cangaço exigia um sigilo extremo dos cangaceiros. Como confidenciou o cangaceiro Zabelê, muitas vezes, os cangaceiros não sabiam quem era o fornecedor das munições^{XLIII}. Assim, essas relações comerciais demandavam confidencialidade e faziam com que os cangaceiros instituísem um código de honra de sigilo da identidade das pessoas envolvidas. Aglae Lima de Oliveira diz que muitos anos após o fim do cangaço nenhum cangaceiro gostava de revelar a procedência da munição do bando. Dadá teria dito a ela que “não se cospe no prato em que se come”. Zé Sereno também se negava e ainda completou dizendo: “quem vendia pode ter morrido, mas as famílias ainda moram lá; pode haver vingança”^{XLIV}. Volta Seca adotou a mesma postura, embora, nos primeiros anos em que estava preso em Salvador, chegou a revelar nomes de vários traficantes de armas influentes. Segundo ele, os mais importantes eram Hercílio Britto e Sinho Britto de Propriá, Sergipe^{XLV}. Acusou também o sargento Elias Marques da Silva, ou Elias Barbosa^{XLVI}, de ser coiteiro e fornecer armas, munições e dinheiro aos cangaceiros^{XLVII}. Anos depois, ainda na prisão, resolveu não revelar o nome de mais ninguém, pois, segundo Volta Seca, um “graudo” que havia denunciado ordenou seu assassinato na detenção^{XLVIII}.

No bando de Lampião, havia também um conjunto variado de normas que orientava práticas cotidianas. Uma delas estabelecia que o bando só podia acampar em local previamente estudado. De modo que dever-se-ia conferir o seu entorno e avaliar a possibilidade de resistência ou fuga em caso de ataque das forças policiais^{XLIX}.

Quando acampados, os cangaceiros deveriam evitar o barulho. Certa vez, Lampião interrompeu um diálogo entre sua companheira, Maria de Déa^L, e Sila, companheira de Zé Sereno, porque Maria estaria rindo muito alto. Repreendeu ela e alertou que: “cada pranta dessa caatinga pode ter ouvido”^{LI}. Porém, segundo Benjamin Abrahão, quando Lampião tinha certeza de que o lugar era seguro, o rei do cangaço tocava sanfona^{LII}. Nesses momentos, organizava-se até bailes nas caatingas^{LIII}.

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

Cangaceiros deveriam evitar andar nas estradas para não serem surpreendidos pelas volantes. Só fazendo quando se queria andar com rapidez para alcançar um determinado lugar^{LIV}. A determinação tinha um caráter de prudência, haja vista que a maior parte das estradas do Nordeste tinha péssimas condições. Na Bahia, as chamadas estradas de rodagem eram tão ruins que o repórter da revista *O cruzeiro*, Victor Espírito Santo, comparou a uma montanha russa. Acidentes com automóveis eram comuns, como também era vê-los quebrados ao longo da estrada. Para termos uma ideia, uma viagem de pouco mais de sessenta quilômetros, entre Paripiranga e a atual Cícero Dantas, que duraria pouco mais de duas horas em estradas regulares, foi realizada em dezoito horas e quarenta e cinco minutos^{LV}.

Além da proibição do trânsito nas estradas, os cangaceiros eram orientados a evitar uma série de coisas. Não podiam tomar banho agrupados por conta de um eventual ataque das volantes, o que impediria, assim, que ocorresse uma chacina. Quando pediam aos coiteiros para fazerem compras para eles, orientavam para que não fizessem com assiduidade e em grandes quantidades para que não despertasse a atenção das pessoas. Evitavam também carregar dinheiro de níquel devido ao peso^{LVI}. Por isso, provavelmente para se livrar do excesso de peso, davam esmolas e, conseqüentemente, melhoravam sua imagem perante os *outsiders* do bando.

Por fim, vale assinalar que até mesmo as cangaceiras tinham que cumprir algumas normas. Uma das mais duras relacionava-se aos períodos em que elas estavam próximas a dar à luz. Lampião costumava afirmar “que maternidade ambulante não dava geito no sertão [sic]”. Por isso, quando as cangaceiras estavam nos meses finais de gestação, elas tinham que ir para a casa dos seus pais ou de algum amigo do grupo. Após o nascimento da criança, voltavam para o bando, mas deveriam entregar os bebês para amigos do bando ou a membros da própria família para criarem^{LVII}; apesar de que dar o recém-nascido ao último grupo era algo raro. Sila, que foi mãe no cangaço, justifica que faziam aquilo porque não havia outra solução, era impossível criar uma criança naquela vida^{LVIII}.

Embora justifique a ação, a cangaceira revela que era muito difícil e triste para uma mãe fazer aquilo. Considerava a maior tristeza que uma cangaceira poderia passar. Entregar o filho a uma pessoa estranha, com pouca ou nenhuma possibilidade de revê-lo algum dia. Além disso, geralmente, o recém-nascido não ficava com uma família conhecida por causa das perseguições que as volantes impunham. O que colocava em risco a vida da família e da própria criança^{LIX}. A única filha de Lampião e Maria de Déa, Expedita, após o seu Nascimento, foi entregue a amigos do rei do cangaço. Segundo ela, na sua infância mudava-se constantemente de lugar porque seu pai temia alguma vingança^{LX}.

Instruções de combate, técnicas de obtenção de água e o estado de permanente alerta dos cangaceiros

Ao longo da carreira, os cangaceiros aprendiam uma série de ensinamentos relativos à luta contra as volantes e maneiras de se obter água no meio hostil da caatinga. Aqueles que não eram familiarizados com as armas deveriam ter seu primeiro contato e recebiam treinamento dos mais experientes. Os cangaceiros neófitos que sabiam atirar deveriam aprender códigos de comunicação, modos de luta e de comportamento em campo de batalha. Aliado a essas instruções “militares”, os cangaceiros aprendiam que, no bando de Lampião, se exercia o ofício de cangaceiro vinte e quatro horas por dia. Desse modo, todos integrantes tinham que se manter vigilantes em todos os momentos do cotidiano.

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

Mulheres e crianças recém-chegadas ao bando usualmente não sabiam manusear armas. Embora não se exigissem que esses dois componentes guerreassem contra as volantes, era recomendado que se entregassem armas em caso de urgência. Sila contou que, quando te deram um fuzil,^{LXI} ela não tinha noção nem de como segurá-lo, mas seu companheiro Zé Sereno prometeu que lhe daria as primeiras aulas assim que chegassem ao coito^{LXII}. Volta Seca afirmou que Lampião te deu uma verdadeira aula de como se manejava um fuzil. Ficou dando vários tiros e em seguida pediu que o menino repetisse os exercícios^{LXIII}. Nesse primeiro treino, Lampião pediu que o menino atirasse num alvo que estava a uma distância de mais ou menos dez metros. À medida que Volta Seca acertava, o alvo era distanciado. Quando já se estava atirando bem, Lampião passava a movimentar o alvo de um lado para o outro com uma linha de carretel. Se o cangaceiro acertasse, a dinâmica era a mesma; passava-se a distanciar o alvo, mas continuava movimentando-o^{LXIV}.

Quando o bando de Lampião estava em coitos tranquilos, tratava-se de treinar os iniciados. Nessas ocasiões, Lampião costumava ensinar como os cangaceiros deveriam atirar durante os combates. Instruía-os que atirassem de joelhos, com o tronco de lado, nunca deitado^{LXV} ou com o peito para frente do adversário. À medida que os iniciados realizavam os exercícios de treinamento, testava quem tinha desenvoltura e habilidade para fazer as posições táticas de vanguarda e retaguarda^{LXVI}. Socialização profissional semelhante à dos cangaceiros ocorria entre os ladrões profissionais do estudo de Sutherland. Segundo ele, para que os iniciados desenvolvessem habilidades, códigos, atitudes e conexões era essencial que os “neófitos” fossem “tutelados” pelos mais experientes do grupo^{LXVII}.

Portanto, durante os treinos, os cangaceiros neófitos entravam em contato com o modo de guerrear cangaceiro; caracterizado principalmente pela movimentação constante e pelos ataques de emboscadas. A movimentação dos cangaceiros objetivava confundir o adversário, sempre buscando tirar a melhor posição no campo de batalha^{LXVIII} ^{LXIX}. Lampião gostava de atacar seus perseguidores pela retaguarda. E, para isso, ordenava que o bando aumentasse a velocidade e andasse em círculo para surpreender o adversário pelas costas. Se o bando fosse atacado de surpresa, a orientação era que os cangaceiros atirassem apenas em uma direção para que um determinado ponto fosse dizimado e oferecesse uma brecha para que a fuga ocorresse^{LXX}.

Como percebeu o perseguidor do bando, Optato Gueiros, raramente os cangaceiros trocavam tiros em campo aberto, só o faziam entrincheirados^{LXXI}. Por conta disso, como revela Labareda, o bando preferia lutar em terreno que conhecia, pois assim teriam vantagem^{LXXII}. Os cangaceiros davam preferência aos ataques em emboscadas e o enfrentamento contra o inimigo só acontecia quando tinham certeza de que a vantagem na luta era certa. Quando eram atacados de surpresa por numerosos oponentes, só revidavam ou sustentavam o tiroteio até planejarem a fuga^{LXXIII}. Durante um eventual ataque surpresa do inimigo, se houvesse possibilidade, o bando optava pela fuga sem enfrentamento, mesmo que alguns objetos fossem deixados para trás. No dia 24 de dezembro de 1932 o *Diário Carioca* noticiava que o bando de Corisco fora atacado pela volante do tenente Campos Menezes na Bahia. Na ocasião, o grupo que contava com seis homens e duas mulheres, não ofereceu resistência e, na fuga, “deixou mantimentos de boca, apetrechos de combate e 135 cartuchos”.

Essas ações não eram irrefletidas, fica claro no depoimento dos cangaceiros que eram saberes socialmente construídos. Igualmente, Sutherland percebeu que os batedores de carteira tinham reações similares ao encontrar vítimas em potencial. Reações comuns que ocorriam porque eles possuíam o mesmo *background* de experiências e pontos de atenção^{LXXIV}.

Dessa maneira, os cangaceiros, ao evitarem propositalmente um confronto, demonstravam que a prudência era algo essencial naquele ofício. Agir com cautela evitava

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

baixas desnecessárias no bando. O rastejador^{LXXV} Miguel Francelino revelou a Optato Gueiros que, durante uma conversa com Lampião, perguntou a razão pela qual o cangaceiro nunca havia lutado contra a Coluna Prestes; o rei do cangaço respondeu-lhe: “Ah menino! [...] isso aqui é meio de vida. Se eu fôsse atirar em todos os ‘macacos’ que eu vejo, já teria desaparecido”^{LXXVI}.

Para dominar os métodos do guerrear cangaceiro, era fundamental que os integrantes do bando dominassem os códigos de comando usados nas lutas. Ao longo dos anos, os cangaceiros desenvolveram uma série de técnicas. Um simples olhar, um disparo de fuzil para o alto, um apito, um barulho de chocalho e/ou relincho serviam para a retirada. Após o comando, os cangaceiros deveriam recuar vagorosamente até desaparecerem na vastidão das caatingas^{LXXVII}. Com a entrada de Jurema no bando, os comandos passaram a ser realizados por clarim. Jurema havia sido corneteiro da volante de Optato Gueiros e desempenhava bem essa função. No princípio, durante os combates, houve muita confusão entre cangaceiros e soldados da polícia. Quem não aprovava a novidade era Luís Pedro, pois acreditava que acordar ao toque de alvorada era sinal de mau presságio, algo que dava azar. Lampião, porém, achava engraçado e continuou usando os comandos através do instrumento até a morte de Jurema^{LXXVIII}. Por um certo período, o bando usou também o cincerro, um chocalho utilizado na criação de bodes. O seu ruído era usado como um código para retirada. Mas também poderia ser usado para outros objetivos. Certa vez, o bando usou o barulho produzido pelo objeto para confundir a tropa do tenente Arsenio, que achou que o som provinha de um rebanho de bodes. Os soldados perceberam a aproximação do bando quando os cangaceiros abriram fogo contra eles^{LXXIX}. Além disso, o chocalho também era usado para juntar os cangaceiros que estavam espalhados no campo de batalha^{LXXX}.

Os asseclas de Lampião aprendiam que era primordial eliminar algumas formas de comunicação no sertão nordestino para dificultar a repressão policial. Em vista disso, a estratégia de guerra cangaceira implicava em cortar as linhas de telégrafos em cidades e impedir a construção de ferrovias no sertão. Labareda relata que, logo após a invasão do município de Queimadas, na Bahia, o bando se dirigiu à estação de telégrafo para cortar os fios, impedindo qualquer pedido de socorro^{LXXXI}. O mesmo motivo estimulava as ações do bando contra a construção de estradas de ferro no sertão. Na Transnordestina, os cangaceiros assassinaram seis trabalhadores e mandaram uma intimação ao engenheiro, ordenando que as obras fossem paradas imediatamente. Como a ordem não foi obedecida, repetiram a matança por três vezes até que as atividades foram suspensas^{LXXXII}. Um conjunto de técnicas semelhante a esses recursos dos cangaceiros é encontrado nas prostitutas de rua. Segundo Stéphanie Pryn, uma das habilidades desenvolvidas por elas são as “estratégias de evitamento”, que consistiam em reconhecer clientes potencialmente violentos para que pudessem ser evitados^{LXXXIII}.

Além dos ensinamentos relativos às táticas de combate, os cangaceiros, ao longo de sua carreira, aprendiam técnicas para obtenção de água. Dominar esse conjunto de procedimentos era fundamental para sobreviver e resistir durante as correrias naquele meio hostil da caatinga. A vida no cangaço exigia extrema mobilidade, pois estava sempre fugindo das volantes. Por essa razão, os cangaceiros sempre sofreram com a falta de água. Eles recorriam até a cachaça ou a roer rapaduras para disfarçar a sede, mas essas alternativas não funcionavam por muito tempo. Assim, durante as andanças, buscava-se caminhar próximo aos caldeirões, para que pudessem consumir e reabastecer a água dos cantis e cabaças^{LXXXIV}.

Porém, muitas vezes, os cangaceiros sedentos encontravam apenas uma água suja nos açudes e caldeirões. Sila expôs que, mesmo imprópria para consumo, eles recolhiam e coavam a “água barrenta e cheia de cisco”^{LXXXV}. Em períodos de secas extremas, nem isso poderiam encontrar. Então, recorriam a um processo de retirada de água do gravatá e/ou da “batata do umbu”. Para se obter água da primeira planta – que era bem comum no sertão nordestino –

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

bastava arrancá-la do chão e beber a água que ficava entre suas folhas. Essa cactácea servia de recipiente para as águas do sereno noturno e das raríssimas chuvas do sertão. Já a retirada da água da árvore do umbuzeiro, porém, era mais difícil e elaborada. Para se tirar o líquido, era preciso atear fogo na árvore para que o calor gerado pela fogueira fizesse com que uma seiva aquosa se dirigisse até a raiz da planta, conhecida entre os sertanejos como “batata do umbuzeiro”. Depois disso, desenterravam a raiz, que geralmente era do tamanho de uma abóbora grande, ralavam a “batata” cuidadosamente e colocavam a sua polpa num pedaço de pano. Em seguida, espremiam a polpa para conseguir vários litros de água. Seu sabor não era da melhor qualidade, assemelha-se a “água das cacimbas”, mas era útil para matar a sede^{LXXXVI}.

Ademais, a vida de correrias do bando implicava em um permanente estado de alerta entre os seus membros. Adquiriam, assim, um senso de extrema cautela em seu cotidiano. Com isso, costumavam não revelar o destino de suas andanças a “paisanos” e despistavam os rastros que deixavam delas nas caatingas. Como percebeu o memorialista Luiz Luna, cangaceiro tinha que ser prevenido e desconfiado^{LXXXVII}. Sila expôs que testemunhou Lampião usar diversos tipos de estratégias para despistar a presença ou passagem do bando por algum lugar. Usualmente, utilizava o que ela denomina de “despistamento verbal”, que consistia em mentir para as pessoas que perguntavam o rumo que o bando iria tomar nas caatingas^{LXXXVIII}. Logo, se o bando fosse se dirigir a localidade X, afirmava que iria para a Y. Labareda reforça que o mesmo cuidado acontecia com coiteiros de confiança. Se fossem montar um acampamento demorado em um determinado lugar, por exemplo, não informavam a eles^{LXXXIX}.

Durante as caminhadas pelas caatingas, o grupo também procurava apagar os vestígios que deixava ao longo do caminho. Isso se justificava em razão do trabalho dos rastejadores nas tropas volantes. O rastejador era um indivíduo que conseguia enxergar indícios da passagem humana e animal por um determinado local. Onde as pessoas comuns nada viam, ele notava passadas e sabia o número de pessoas que por ali transitavam. Para Frederico Pernambucano de Mello, a arte de rastejar no mato os vestígios de qualquer natureza da passagem do inimigo eram lições que os colonizadores luso-brasileiros aprenderam com os nativos. Quase três séculos depois, esse rastejador estava presente nas campanhas de repressão ao “cangaceirismo”^{XC}.

Alguns rastejadores sabiam distinguir os rastros deixados por Lampião dos de outros cangaceiros. Segundo eles, isso só era possível porque o rei do cangaço possuía um “mal curado” no calcanhar esquerdo que fazia com que ele pisasse de maneira diferente dos demais membros do bando^{XCI}. Segundo o oficial João Bezerra, os rastejadores conseguiam distinguir até os rastros de uma tropa policial e a dos “bandoleiros”. Haja vista que a tropa pisava com todo solado do pé no chão, já os “bandidos” pisavam com a ponta dos pés, ou com os calcanhares, ou ainda usavam o pisar de lado^{XCII}.

Para dificultar ou impedir o trabalho dos rastejadores, os cangaceiros elaboravam uma série de artimanhas. Uma delas baseava-se em deixar alguém para trás com um galho de árvore para desmanchar os rastros à medida que o bando andava, inclusive, recolocando pedras que foram deslocadas de lugar^{XCIII}. Todavia, Optato Gueiros contou que essa manobra não era eficiente^{XCIV}. Por vezes, os cangaceiros optavam por um processo menos laborioso. Buscavam andar por lugares com o chão mais firme ou, de preferência, em locais completamente cobertos de pedras miúdas^{XCV}. Segundo o contemporâneo do grupo, Ranulfo Prata, para simular que havia pegadas de apenas uma pessoa, o bando andava em coluna única e todos os integrantes pisavam cuidadosamente na mesma pegada. Os cangaceiros também invertiam as alpercatas e andavam com os calcanhares do calçado para frente. Desse modo, as pegadas evidenciavam uma direção, mas, na realidade, o bando estava se dirigindo para um rumo contrário. Quando julgavam que a tropa da polícia estava perto, trepavam nas cercas e, como equilibristas,

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

passavam a se deslocar quilômetros suspensos do solo, sem deixar “vestígios delatores”^{XCVI}. Às vezes, colocavam pele de carneiro no solado das sandálias para não deixarem pegadas no chão. Consequentemente, por conta dessas estratégias, quem não conhecia as táticas acreditava que Lampião e os seus cangaceiros possuíam poderes sobrenaturais^{XCVII}.

A desconfiança e a cautela estavam presentes em todos os âmbitos da vida do cangaceiro. Ao fazerem pedidos de compras a viajantes, só entregavam o dinheiro depois de receber as mercadorias, visto que já tinham sido vítimas de calotes. Até no momento da refeição os cangaceiros precisavam tomar cuidados. Quando um coiteiro dava algum alimento para o bando, Lampião enfiava um punhal ou uma colher de prata para certificar-se de que o alimento não estava envenenado. Se qualquer um dos objetos escurecesse era sinal de que havia veneno na comida^{XCVIII}. Gostava também de fazer os paisanos provarem a comida antes que os cangaceiros comessem. Certa vez, em passagem por Capela, Sergipe, Lampião e seus homens foram a uma venda e pediram um conhaque. Ao perceberem que serviriam a bebida em uma garrafa aberta Lampião falou: “Mude u conhaque, muleque, abra um litro i beba prémêro”^{XCIX}.

Labareda declarou que o bando “nun sí discôidava um tico”, nem mesmo nos momentos de descanso ou lazer. Em passagem por “Maranduba”, na Bahia, após o almoço, resolveram descansar; porém, eles tinham a informação de que poderia haver policiais na região. Então, enquanto alguns homens descansavam, outros dez cangaceiros ficaram em “emboscada” caso alguma volante se aproximasse^C. Em Japarutuba, Sergipe, o bando decidiu assistir a um filme. Mas, para fazerem isso, tiveram que cortar os fios do telégrafo e colocar dois sentinelas na porta do cinema para que o restante do grupo pudesse ter um momento de descontração^{CI}. A mesma atitude era tomada em festas promovidas pelo bando. Em Queimadas, na Bahia, os cangaceiros realizaram um baile e obrigaram a presença de mulheres no local para dançar com os homens. Nessa ocasião, enquanto uns dançavam, outros ficavam de sentinelas e posteriormente se revezavam para que todos pudessem se divertir^{CII}.

Desse modo, quando os cangaceiros estavam em lugares que julgavam seguros, eles tentavam ter alguma diversão ou distração. Nos acampamentos, conforme Antônio Gurgel^{CIII}, o passatempo era jogar baralho apostado, no qual as cápsulas de fuzil serviam de ficha. Os cangaceiros se distribuía em várias mesas de jogo; em uma, jogavam os mais endinheirados, Lampião, Sabino, Moreno e Luiz Pedro, com apostas firmadas em “800 mil réis a ‘boca’”. Porém, a tranquilidade findava quando tomavam conhecimento de que alguma tropa de polícia estava nas proximidades. Diante desse aviso, o acampamento ficava em alerta e se reforçava as sentinelas em vários pontos. Todos ficavam de prontidão e no anoitecer certamente o sono seria escasso e interrompido, apesar de saberem que só haveria um eventual ataque ao amanhecer.

Percebe-se, assim, que estar em um bando de cangaceiros era viver em um permanente estado de alerta; submetendo todos os aspectos do cotidiano a uma condição de vigilância, inclusive, nos momentos de repouso. Por isso, nos acampamentos, além dos sentinelas humanos, o bando utilizava-se de cachorros que ficavam de prontidão em uma eventual aproximação do inimigo^{CIV}. Ao redor de onde dormiam, colocavam também um sistema de alarme feito com linhas e chocalhos^{CV}.

Farmacopeia e primeiros socorros

Uma das exigências para ser admitido e permanecer no bando era possuir um excelente preparo físico para suportar longas caminhadas e o peso dos equipamentos. Além disso, vale ressaltar que ser saudável era fundamental em um ofício em que os integrantes tinham grandes probabilidades de saírem feridos em um combate com a polícia. Entre os cangaceiros mais experientes do bando, as marcas de ferimentos eram comuns. Ao longo dos anos, Lampião

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

acumulou uma série de lesões em seu corpo. Segundo Aglae Lima de Oliveira, durante sua vida no cangaço, Lampião foi ferido gravemente sete vezes, com lesões no olho e no braço direito, no pé esquerdo, no quadril e no peito^{CVI}. Benjamin Abrahão, em conversas com o rei do cangaço, citou outras lesões no corpo do cangaceiro. Em sua caderneta, elencou o local e o ano em que os ferimentos ocorreram:

“1 – Em Taboleiro, M. de Conceição de Piancó, Paraíba, 1919 – no braço e na veria; 2 – No pé, na Serra do Catolé, M. de Belmonte, Pernambuco, em 1924; 3 – Em 1926, Tigre, M. de Floresta, Pernambuco; 4 – Ferimento leve no quadrilho, em Pinhão, M. de Tabaiana, Sergipe, em 1930”^{CVII}.

Nesses momentos, sem qualquer tipo de assistência médica no sertão, restava aos cangaceiros cuidarem de si mesmos. Recorriam, assim, aos saberes populares, remédios feitos com folhas e raízes; saber que ficou conhecido como a farmacopeia do cangaço^{CVIII}. O oficial de polícia João Bezerra percebeu que os cangaceiros faziam seus próprios curativos. Certa vez, identificou que o bando havia passado por um determinado local porque os cangaceiros tinham deixado “páus raspados [sic]” que serviam para desinfetar feridas^{CIX}.

Através desses ensinamentos, os cangaceiros dispunham de um repertório de técnicas de primeiros socorros e receitas de remédios. Assim, quando algum integrante do bando ficava doente ou ferido, era socorrido por seus companheiros^{CX}. Se fosse atingido por um tiro, cobria-se a perfuração com raspas de tronco de goiabeira ou esterco de gado e cabelo de mocó, além de lavar o ferimento com folhas de quixaba e fumo. Quando julgavam que o ferimento era grande, colocavam “sumo de cipó de folha de carne e emplastro de pimenta-malagueta pisada com casca de caroço”. Havia, também, a possibilidade de fazer o baleado beber o “chá de pinto”. Seu preparo consistia em colocar um pinto – de preferência ainda vivo – em um pilão e esmagá-lo até se tornar uma pasta. Em seguida, misturava a pasta a um cozimento de casca verde de quixaba e coava tudo em um pano limpo. Após a ingestão do chá, sua eficácia seria comprovada se o baleado vomitasse, quando isso não ocorria os cangaceiros ficavam preocupados porque provavelmente o remédio foi inútil^{CXI}. Caso o projétil permanecesse no corpo do cangaceiro, o próprio Lampião poderia retirar em um procedimento cirúrgico. Em um combate na Bahia, Volta Seca foi atingido por um tiro no braço. Coube ao rei do cangaço retirar a “bala” com uma tesoura. “Na raça”, sem anestesia ou assepsia do objeto^{CXII}. Procedimentos cirúrgicos como esse só não eram realizados na hipótese de um tiro que perfurasse o intestino. Conforme Labareda, “fedeu a côco, fedeu a cimitéro”^{CXIII}.

Como o bando era constantemente perseguido pelas volantes, era fundamental andar com remédios ou sua matéria prima nos bornais para fabricá-los em qualquer emergência. Por vezes, o ataque da polícia poderia surpreender os cangaceiros e deixar eles sem suprimentos médicos. E foi exatamente isso que ocorreu durante a fuga do bando de Mossoró, Rio Grande do Norte. De acordo com Antônio Gurgel, o grupo foi atacado repentinamente por uma força volante cearense e, na confusão, os cavalos dispararam assustados, levando roupas, suprimentos, armamento e munição. No tiroteio, Moreno foi atingido no braço, ficando com uma fratura exposta. Na ocasião nem se cogitou cuidar do ferimento, mesmo porque não havia remédio algum. Então, ataram o braço de Moreno e colocaram em uma tipoia^{CXIV}.

Além dessa tradicional farmacopeia, os cangaceiros também recorriam a produtos convencionais. Andavam com um *kit* de primeiros socorros composto por: “água oxigenada, água boricada, cachaça canforada, álcool, ácido fênico para dores de dente, guaraná, cafeaspirina, seringa de borracha, algodão, gaze e esparadrapo”. Segundo Sila, ferimentos podiam ser limpos com água oxigenada ou boricada. Caso estivessem com muito sangue, colocava-se iodo e atava-se com gaze; se inflamasse, passava pomada “Maravilhosa” ou “São

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

Lázaro”. E, quando o projétil se alojava no corpo, desinfetava-se o local com álcool e iodo^{CXV}. Consequentemente, a medicina cangaceira tinha aspectos arcaicos e modernos. Ademais, sempre que podia, Lampião tentava ser atendido por um médico profissional, principalmente um oftalmologista que pudesse aliviar as dores e o incômodo em seu olho doente^{CXVI}. Eventos como esses ilustram como Lampião e seu bando se apropriavam de todas as modernidades que fossem capazes de melhorar a vida no cangaço. Contrariando, assim, uma velha ideia corrente na literatura do cangaço que julga os cangaceiros como sujeitos que lutavam contra mudanças e se opunham à modernidade, buscando preservar uma realidade arcaica. De modo semelhante, se eles cortavam fios de telégrafo e impediam a construção de estradas de ferro, não estavam impedindo o progresso, mas o trabalho da polícia.

Considerações finais

Este artigo buscou demonstrar que ser um cangaceiro do bando de Lampião era mais do que realizar atos isolados e frequentes de roubos, assassinatos e extorsões. Tornar-se cangaceiro era estabelecer um modo de vida em grupo, organizando-se em um complexo de técnicas, códigos, habilidades, atitudes e conexões. Nesse sentido, de modo semelhante a Sutherland^{CXVII} em seu estudo sobre o ladrão profissional, defendemos que só se pode entender um cangaceiro através do seu conjunto de conhecimentos gerais do grupo ao qual ele pertence. Ou, dito de outro modo, só se pode conhecer um cangaceiro por meio da sua cultura profissional. Por essa razão, procuramos contrapor uma visão comum nos estudos do cangaço que concebem cangaceiros como pessoas incapazes de planejar e organizar sua vida.

Notas

^I Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS. Graduado em História (Dhi-UFS) e Sociologia (UNIASSELVI). E-mail: piatrindade@hotmail.com. Originalmente este trabalho foi fruto de parte da minha dissertação e teve financiamento da Capes; nesta versão, há pequenas alterações.

^{II} GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: IV – O amor de Lampião. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1958. p. 1-2.

^{III} Nesse sentido, há um deslocamento da ideia essencializada de crime para o termo desvio. Mudando o foco do indivíduo para as relações sociais. Entendendo o desvio não como uma qualidade do próprio comportamento, mas uma interação entre o desviante e aquelas pessoas que reagem a ele, pois, as últimas esperam que o desviante cumpra as regras sociais. Assim, quem impõe as regras rotula quem as não a cumpre de desviantes.

^{IV} (BECKER, 2009, p. 48-49).

^V Lampeão: o terror dos sertões nordestinos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1932. p. 37-40.

^{VI} GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: III – Meu primeiro combate. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1958. p. 1-2.

^{VII} Os cangaceiros denominavam assim todas as pessoas que não estavam no grupo e não eram nem policiais e nem coiteiros.

^{VIII} GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: III – Meu primeiro combate. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1958. p. 1-2.

^{IX} (GUEIROS, 1956, p. 51).

^X SANTO, Victor Espírito. Lampeão: o terror dos sertões nordestinos. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 12 de março de 1932. p. 15-19 e 40.

^{XI} GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: IX – O bando sabia admirar os corajosos. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1958. p. 1.

^{XII} (2006).

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

-
- ^{xiii} Lampião e seu bando é creditado por Marilourdes Ferraz como o primeiro cangaceiro a se utilizar do sequestro mediante pagamento do resgate no sertão pernambucano. Tendo, inclusive, realizado sequestro de trabalhadores de multinacionais que atuavam no sertão, como Standard Oil Company e Souza e Cruz (Apud MELLO, p. 330, 2004).
- ^{xiv} GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: III – Meu primeiro combate. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1958. p. 1-2.
- ^{xv} (GUEIROS, 1956, p. 223).
- ^{xvi} **O pasquim**, Rio de Janeiro, setembro/outubro de 1973. n.º 221.
- ^{xvii} (GUEIROS, 1956, p. 174).
- ^{xviii} (GURGEL, 2006, p. 89-90).
- ^{xix} (OLIVEIRA, 1970, p. 265).
- ^{xx} (SOUZA, 1997, p. 32).
- ^{xxi} Depoimento presente no documentário *Feminino no cangaço*.
- ^{xxii} (NEGREIROS, 2018).
- ^{xxiii} (LUNA, 1963, p. 62).
- ^{xxiv} (SOUZA, 1973, p. 99).
- ^{xxv} (LIMA, 1965).
- ^{xxvi} *Ibidem* (p. 227).
- ^{xxvii} GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: IX – O bando sabia admirar os corajosos. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1958. p. 1.
- ^{xxviii} Na verdade, Lampião era protegido por poderosos chefes políticos do estado que consequentemente atrapalhavam o trabalho da polícia.
- ^{xxix} **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1962. p. 18.
- ^{xxx} **O pasquim**, Rio de Janeiro, setembro/outubro de 1973. n.º 221.
- ^{xxxi} (OLIVEIRA, 1970, p. 116).
- ^{xxxii} (MACEDO, 1975, p. 148).
- ^{xxxiii} LOURENÇO, Luiz Carlos. Que fim levou: Antônio dos Santos, lugar tenente de Lampião. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1995. p. 17.
- ^{xxxiv} (GURGEL, 2006, p. 37).
- ^{xxxv} (DUBAR, 2012, p. 357).
- ^{xxxvi} (BECKER, 2009, p. 48).
- ^{xxxvii} (BARREIRA, 1998, p. 29-30).
- ^{xxxviii} (PETRARCA, 2015, p. 164-165).
- ^{xxxix} (2004).
- ^{xl} (BEZERRA, 1940, p. 31).
- ^{xli} (OLIVEIRA, 1970).
- ^{xlII} (GUEIROS, 1956, p. 158).
- ^{xlIII} (OLIVEIRA, 1970).
- ^{xlIV} (OLIVEIRA, 1970, p. 318).
- ^{xlV} **A Tarde**, Salvador, 21 de fevereiro de 1932. p. 21..
- ^{xlVI} A prática de policiais traficarem armamento e munição para grupos de cangaceiros ocorria há muitos anos antes da formação do bando de Lampião. Segundo um testemunho de 1912, do major reformado do exército, Nicanor Guedes de Moura Alves, – comandante das forças policiais no interior da Paraíba – grupos de quatro a seis soldados desertavam da polícia quase que diariamente. E, com isso, acabavam conduzindo munição e armamento para os grupos de cangaceiros (BARROZO, 1928, p. 117).
- ^{xlVII} **Diário da noite**, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1932. p. 3 e 5.
- ^{xlVIII} **Pacotilha**, São Luiz, MA, 5 de agosto de 1938. p. 2-5.
- ^{xlIX} (OLIVEIRA, 1970, p. 110).
- ^L Esse era o nome pelo qual a companheira de Lampião era conhecida no bando. Era chamada também pelo cognome Maria do capitão. Só passou a ser chamada de Maria Bonita após sua morte, em 1938.
- ^{LI} (SOUZA, 1997, p. 52).
- ^{LIi} (GUEIROS, 1956, p. 175).
- ^{LIii} JÚNIOR, Berliet. Lampeão chorou copiosamente a morte do padre Cícero. **Diário da noite**, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1950. p. 12.
- ^{LIV} (GUEIROS, 1956, p. 52).
- ^{LV} SANTO, Victor Espírito. Lampeão: o terror dos serões nordestinos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 12 de março de 1932. p. 15-19 e 40.

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

-
- LVI (OLIVEIRA, 1970).
- LVII JÚNIOR, Berliet. Lampeão chorou copiosamente a morte do padre Cícero. **Diário da noite**, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1950. p. 12.
- LVIII (SOUZA, 1997, p. 81).
- LIX *Ibidem* (p. 81-82).
- LX **Correio da manhã**, Rio de Janeiro, 26-27 de outubro de 1969. p. 7.
- LXI No início dos anos 1920, o bando de Lampião usava um rifle popular no sertão nordestino, o “papo-amarelo”, cruzetta 44, Winchesterers. Havia homens que usavam “parabelum” e pistolas Comblain. Após a ida a Juazeiro no Ceará, em 1926, todo o armamento do bando foi atualizado. Passaram, então, a usar um fuzil de uso exclusivo do Exército Brasileiro, o mauser, modelo 1908. Isso foi um grande avanço, pois nenhum dos bandos de cangaceiros anteriores ao de Lampião usava fuzil, todos atiravam com rifles e bacamartes (OLIVEIRA, 1970, p. 111).
- LXII (SOUZA, 1997, p. 31).
- LXIII GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: III – Meu primeiro combate. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1958. p. 1-2.
- LXIV **O pasquim**, Rio de Janeiro, setembro/outubro de 1973. N° 221.
- LXV Luiz Eduardo Pericás (2010) afirma que Lampião recomendava seus asseclas a atirar deitados, com a barriga no chão, para garantir a segurança (p. 83).
- LXVI **O pasquim**, Rio de Janeiro, setembro/outubro de 1973. N° 221.
- LXVII (SUTHERLAND, 1937, p. 8).
- LXVIII Uma matéria da revista *O Cruzeiro* de 5 de março de 1932, afirma que frequentemente os combates se davam na mata fechada, o que impedia os homens de se avistarem. Por conta disso, costumeiramente os dois lados trocavam insultos e imitavam os animais, uns latindo e outros relinchando.
- LXIX (SOUZA, 1997, p. 36).
- LXX GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: IX – O bando sabia admirar os corajosos. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1958. p. 1.
- LXXI (GUEIROS, 1956, p. 50).
- LXXII (LIMA, 1970, p. 255).
- LXXIII SANTO, Victor Espírito. Lampeão: o terror dos serões nordestinos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 26 de março de 1932. p. 37-40.
- LXXIV (SUTHERLAND, 1937, p. 202).
- LXXV O rastejador era um indivíduo que trabalhava nas forças volantes buscando rastros e vestígios deixados por algum grupo de cangaceiros. Embora, havia também os que trabalhavam para os cangaceiros e buscavam esconder os rastros. Mais à frente vamos descrever como esse trabalho ocorria.
- LXXVI (GUEIROS, 1956, p. 110).
- LXXVII (OLIVEIRA, 1970, p. 114).
- LXXVIII (LUNA, 1963, p. 55).
- LXXIX SANTO, Victor Espírito. Lampeão: o terror dos serões nordestinos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 26 de março de 1932. p. 37-40.
- LXXX (GUEIROS, 1956, p. 106).
- LXXXI (LIMA, 1965, p. 225).
- LXXXII (GUEIROS, 1956, p. 149).
- LXXXIII (1999 Apud PETRARCA, 2015, p. 164).
- LXXXIV GOMES, Bruno. Como se forja um cangaceiro: IV – O amor de Lampião. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1958. p. 1-2.
- LXXXV (SOUZA, 1997, p. 95).
- LXXXVI (BEZERRA, 1940, p. 97; SOUZA, 1997, p. 85).
- LXXXVII (LUNA, 1963, p. 118).
- LXXXVIII (SOUZA, 1997, p. 51).
- LXXXIX (LIMA, 1965, p. 263).
- XC (MELLO, 2004, p. 90-91).
- XCI SANTO, Victor do Espírito. Lampeão: o terror dos sertões nordestinos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1932. p. 37-40.
- XCII (BEZERRA, 1940, p. 29).
- XCIII (SOUZA, 1997, p. 29).
- XCIV (GUEIROS, 1956, p. 105).
- XCV (BEZERRA, 1940, p. 96).
- XCVI (PRATA, 2010, p. 110-111).

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

-
- xcvii (CHANDLER, 1980).
xcviii (LUNA, 1963).
xcix (LIMA, 1965).
c Ibidem (p. 264).
ci **O pasquim**, Rio de Janeiro, setembro/outubro de 1973. N° 221.
cii (LUNA, 1963, p. 112).
ciii (2006).
civ (OLIVEIRA, 1970).
cv (PERICÁS, 2010, p. 82).
cvi (OLIVEIRA, 1970, p. 335).
cvii (Apud MELLO, 2004, p. 325).
cviii (SOUZA, 1997, p. 97).
cix (BEZERRA, 1940, p. 51-52).
cx Geralmente, eram as cangaceiras quem cuidavam dos feridos do bando (LIMA, 1965, p. 227). Mas, segundo Benjamin Abrahão, Lampião também poderia ser o médico, o parteiro e o enfermeiro do bando (GUEIROS, 1956, p. 174). Outros integrantes desempenhavam funções diversas, como as de dentistas; entre esses estava o próprio Lampião, Labareda, Zé Baiano e Virgínio (LIMA, 1970, p. 134).
cxi (OLIVEIRA, 1970, p. 132-134).
cxii **O pasquim**, Rio de Janeiro, setembro/outubro de 1973. N° 221.
cxiii (LIMA, 1965, p. 134).
cxiv (GURGEL, 2006, p. 67).
cxv (SOUZA, 1997, p. 97-98).
cxvi (PERICÁS, 2010, p. 173).
cxvii (1937).

Referências

- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- BARROZO, Gustavo. **Almas de lama e aço**: Lampeão e outros cangaceiros. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1930.
- BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BEZERRA, João. **Como dei cabo de Lampeão**. Edição do autor: Rio de Janeiro, 1940.
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**: o rei do cangaço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 4° ed.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. p.351-367. Em: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.42 n.146 maio/ago, 2012.
- GUEIROS, Optato. **Lampeão**: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes. 4° ed. Edição Progresso: Salvador, 1956.
- GURGEL, Antônio. **Nas garras de Lampião**. Org. Raimundo Soares de Brito. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2006.
- LIMA, Estácio de. **O mundo estranho dos cangaceiros**. Editorial Itapoã: Salvador, 1965.

DO CANGAÇO COMO OFÍCIO: UMA ANÁLISE DA CULTURA PROFISSIONAL NO BANDO DE LAMPIÃO

FELIPE TRINDADE DE SOUZA

LUNA, Luiz. **Lampião e seus cabras**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1963.

MACEDO, Nertan. **Lampião**: capitão Virgulino Ferreira. Editora Rennes: Rio de Janeiro, 1975.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: A girafa editora, 2004.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita**: sexo, violência e mulheres no cangaço. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, cangaço e Nordeste**. 2º ed. Edições Cruzeiro: Rio de Janeiro, 1970.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros**: ensaio de interpretação histórica. São Paulo: Boitempo, 2010.

PRATA, Ranulfo. **Lampião**. Natal: Sebo Vermelho, 2010 [1934].

PETRARCA, Fernanda Rios. Pesquisando grupos profissionais: dilemas clássicos e contribuições recentes. Cap. 6, p. 151-181. Em: PERSSIOTTO, Renato; CODATO, Adriano (orgs.). **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

SOUZA, Amaury. Cangaço e a política da violência no Nordeste brasileiro. p. 97-125. Em: **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, IUPERJ, n° 10, 1973.

SOUZA, Ilda Ribeiro de. **Angicos: eu sobrevivi** – confissões de uma guerreira do cangaço. São Paulo: oficina cultural Monica Buonfiglio, 1997.

SUTHERLAND, Edwin Hardin. **The professional thief**. Chicago: Chicago Press, 1937.

Filmografia

VIANA, Lucas; NETO, Manuel. **O feminino no cangaço**. Salvador/BA: Centro de Estudos Euclides da Cunha, 2016 (vídeo).